

CINEMA NA EJA DE UMA ESCOLA RURAL: DIÁLOGOS PARA A CIDADANIA

Jullyane Frazão Santana ¹; Samuel Pires Melo ²

¹ Universidade Federal do Piauí Campus Ministro Reis Veloso/ E-mail- Jullyanefrazao@hotmail.com

² Universidade Federal do Piauí Campus Ministro Reis Veloso/ E-mail- Samuelmelo@ufpi.edu.br

Resumo: A educação de jovens e adultos vem passando por alterações ao longo dos anos, principalmente quando se diz respeito aos seus sujeitos. O público em questão, é em sua maioria composto por jovens e adultos que vivenciam ao longo de suas trajetórias situações de vulnerabilidade social, entretanto, acreditam no caráter transformador da educação, vislumbrando a possibilidade de a mesma trazer mudanças sociais e econômicas para suas vidas. Com eles, buscou analisar uma ação do projeto de extensão “Cinema e educação: despontando cidadania para além dos muros da UFPI”, na escola da EJA Deputado Francisca Trindade II, localizada no assentamento Lagoa do Prado, Parnaíba-Piauí. Durante sua realização, foi envolvido a maioria do corpo escolar, desde alunos (37) e professores (4) a direção (1) e demais funcionários (1). Feita a apresentação indicando os objetivos da atividade, os mediadores e as questões a serem levantadas na discussão, foi exibido o documentário *Híato*, que mostra em vinte minutos o drama vivido por moradores sem teto ao tentarem visitar um shopping em Botafogo na cidade do Rio de Janeiro, em seguida os alunos foram levados a refletir sobre o assistido, na medida em que respondiam a perguntas geradoras da relação do documentário com a realidade local, lançadas ao longo da discussão, em seguida os alunos foram levados a refletir sobre o assistido, na medida em que respondiam a perguntas geradoras da relação do documentário com a realidade local, lançadas ao longo da discussão. Mediante as intervenções dos sujeitos, constatou-se que os mesmos foram atravessados pelos objetivos propostos pela atividade, pois em suas falas elucidavam a identificação de situações vividas em seu cotidiano.

Palavras-chave: EJA; Escola Rural; Cidadania.

INTRODUÇÃO

Os anos de 1930, com a edificação do Estado Nacional Brasileiro, trouxeram para o cenário educacional do país transformações pautadas em uma ótica desenvolvimentista. As discussões acerca dos planos e reformas educacionais figuravam as rodas de conversa em todos os setores da sociedade, construindo um terreno propício para o aumento das responsabilidades do Estado sobre a educação de jovens e adultos, em 1940. Pois segundo Haddad e Di Pierro (2006, p. 111) “após uma atuação fragmentária, localizada e ineficaz durante todo o período colonial, Império e Primeira República, ganhou corpo uma política nacional, com verbas vinculadas e atuação estratégica em

todo o território nacional”.

Além do mais, os autores apontam que a Unesco, instituição criada no pós-guerra de 1945, chamava a atenção do mundo para as discrepâncias existentes entre os países desenvolvidos e os que se encontravam em situação de atraso, destacando a importância da educação de adultos para o processo de aceleração dos retardatários, que não primavam por ela em seu plano educacional. Portanto, o Brasil passou a encarar a supracitada modalidade de ensino como uma peça chave para se realizar, enquanto nação desenvolvida (Idem, 2006).

A educação de jovens e adultos vem passando por alterações ao longo dos anos, principalmente quando se diz respeito aos seus sujeitos, pois a procura dos jovens por essa modalidade de ensino, vem aumentando a cada dia, tornando a escola um local cada vez mais heterogêneo. Segundo Mello (2009, p. 05) “na história recente, a EJA vem sendo percebida e aceita como uma modalidade para o ‘adulto trabalhador’. No entanto, há uma profunda transformação nessa concepção se processando”.

No que concerne a essa transformação, o Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos VI CONFINTEA informa que:

A EJA volta-se para um conjunto amplo e heterogêneo de jovens e adultos oriundos de diferentes frações da classe trabalhadora. Por isso, é compreendido na diversidade e multiplicidade de situações relativas às questões étnico-racial, de gênero, geracionais; de aspectos culturais e regionais e geográficos; de orientação sexual; de privação de liberdade; e de condições mentais, físicas e psíquicas – entendida, portanto, nas diferentes formas de produção da existência, sob os aspectos econômicos e culturais. (BRASIL, 2009, p. 13).

Considerando que o público em questão é, em sua maioria, composto por jovens e adultos que vem vivenciando ao longo de suas trajetórias situações de vulnerabilidade social, Paiva e Sales (2013, p. 04) concordam com os ditames acima ao afirmarem que os entendimentos acerca da Eja como “uma modalidade de ensino com demandas particulares e que atende a uma população que, além de historicamente excluída, é marcada pela diversidade e cruzada por múltiplas tensões, amplia-se na sociedade brasileira”. É válido ressaltar, que estes veem na educação uma possibilidade transformadora, que os permitirá acessar melhores oportunidades no mercado de trabalho, conquistar variados espaços socioculturais, sendo dignificados e respeitados enquanto cidadãos conscientes de seus direitos e deveres. Pois, além de ingressar e ter acesso a níveis cada vez mais altos de escolarização é fundamental que o aluno venha a se constituir enquanto um agente crítico e reflexivo capaz de questionar seu papel na sociedade. Logo, concorda-se com Lopes e Sousa (2005, p. 02) ao evidenciarem que a “EJA é uma educação possível e capaz de mudar significativamente a vida de uma pessoa, permitindo-lhe reescrever sua história de vida”.

Portanto, para que tal finalidade seja atingida, considera-se basilar que o currículo e as formas

de ensino, dialoguem com a condição e a realidade desses atores de modo que os mesmos possam significar o conhecimento e se reconhecerem em quanto sujeitos autônomos, protagonistas de sua história e agentes de transformações sociais.

Diante do exposto, e com vias na acreditação do cinema como um dispositivo para emancipação humana, o presente trabalho buscou analisar uma ação do projeto de extensão “Cinema e educação: despontando cidadania para além dos muros da UFPI”. A saber, essa ação foi desenvolvida no ano de 2016, pela exibição de documentários em escolas públicas do ensino médio, nas modalidades EJA e Regular, na cidade de Parnaíba-PI.

METODOLOGIA

O presente escrito trata de um relato de experiência de cine clube na escola da EJA Deputada Francisca Trindade II, localizada no assentamento Lagoa do Prado, Parnaíba-Piauí. Durante sua realização, foi envolvido a maioria do corpo escolar, desde alunos (37) e professores (4) a direção (1) e demais funcionários (1).

Feita a apresentação indicando os objetivos da atividade, os mediadores e as questões a serem levantadas na discussão, foi exibido o documentário Hiato, que mostra em vinte minutos o drama vivido por moradores sem teto ao tentarem visitar um shopping em Botafogo na cidade do Rio de Janeiro, em seguida os alunos foram levados a refletir sobre o assistido, na medida em que respondiam a perguntas geradoras da relação do documentário com a realidade local, lançadas ao longo da discussão.

Os pontos centrais da discussão após exibição do documentário foram: Qual a cena que foi considerada mais forte? por quê?; Que som(ns) e imagem(ns), no documentário, foram marcantes para você? Por quê?; Qual o momento do documentário você passou a se encontrar, fazer parte dele? Por quê?; O que o diretor escreveu utilizando câmera, na sua opinião?; Qual(is) a(s) cena(s) do documentário você acha que representa(m) a realidade e a(s) não reais? Por quê?;

Neste sentido, Piovesan, Barbosa e Costa (2010, p. 05) destacam que:

Ao pensarmos em cinema e educação, devemos levar em conta os processos de socialização na formação cultural e educacional do indivíduo. A educação faz parte do processo de socialização, mediada pelas leituras, filosofia e sociologia, possibilitando que as pessoas tenham acesso a informações e, a partir destas, possam construir novos pensamentos que acarretará em novos comportamentos. O cinema assim como a educação, podem ser considerados instrumentos de socialização, portanto mediadores do desenvolvimento humano e das relações humanas.

Mediante as intervenções dos sujeitos, constatou-se que os mesmos foram atravessados pelos objetivos propostos pela atividade, pois em suas falas elucidavam a identificação de situações

vividas em seu cotidiano com o fato apresentado, fazendo reflexões de caráter político, econômico e social, além de lançarem propostas para a resolução da problemática em questão. Além do mais, os sujeitos foram levados a refletir sobre sua condição e local que ocupam na sociedade, reconhecendo que são capazes de modificar sua realidade através da luta, do esforço coletivo e individual.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como resultado, foi observado que à medida em que colocávamos as questões que remetiam a maneira como viam o documentário, eles iam contando e ouvindo as histórias de vida, acabavam por significar a importância de estarem frequentando a escola e expressando seus anseios para um futuro melhor, onde são reconhecidos por fazerem a diferença em suas comunidades. Salienta-se que no começo do debate esses sujeitos questionavam sua situação e lugar dentro da estrutura social, questionando uma real possibilidade de ascensão.

Dentro desta perspectiva, Rancière (2002, p. 14) afirma que “a igualdade é fundamental e ausente, ela é atual e intempestiva, sempre dependendo da iniciativa de indivíduos e grupos que, contra o curso natural das coisas assumem o risco de verificá-la, de inventar as formas individuais ou coletivas, de sua verificação”. Portanto, atividades como estas trazem para os indivíduos a possibilidade de questionar as estruturas sociais e suas estratificações, buscando meios que os permitam superar a condição posta.

O cinema na escola, visto como arte, traz para dentro deste espaço dimensões políticas que fazem pensar e agir, pois como afirma Migliorin (2015, p. 38) “a experiência que podemos ter com o cinema é da descoberta do mundo e da invenção deste, uma vez que o cinema nunca é o mundo e nunca deixa de sê-lo”. Ao passo que aproximam a instituição do educando, pois os depoimentos, permeados por experiências reais, são potencializadores de diálogos que versem a realidade destes sujeitos, proporcionando a escola a oportunidade de criar linhas dialógicas com seu alunado.

Nesse sentido, Wautier (2003, p. 188) afirma que “a experiência social é a atividade pela qual o indivíduo pode construir uma identidade social, quando articula as diversas lógicas de ação nas quais ele está engajado”. Portanto, conclui-se que o cinema dentro da escola pode ser encarado como uma prática artística de cunho educativo, podendo ser encarado como um dispositivo de subjetivações e cidadania, por meio das dialéticas sociais e individuais que se desdobram na troca de saberes e experiências entre os diversos sujeitos que compartilham o mesmo espaço educacional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de

Adultos (VI CONFINTEA) / Ministério da Educação (MEC). – Brasília: MEC; Goiânia: FUNAPE/UFG, 2009.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. 2006.

REVOLUÇÃO, R. S.; MELLO, Marco. **CULTURAS E IDENTIDADES JUVENIS: NA EJA, DE QUEM É MESMO O BAGULHO?** 2009.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUSA, Luzia Silva. EJA: uma educação possível ou mera utopia. **Revista Alfabetização Solidária (Alfasol)**, v. 5, 2005.

MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá**. Azougue Editorial, 2015.

PAIVA, Jane; REGINA SALES, Sandra. Contextos, perguntas, respostas: o que há de novo na educação de jovens e adultos?. **Education Policy Analysis Archives/Archivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 21, 2013.

PIOVESAN, Angélica; BARBOSA, Livia; COSTA, S. Cinema e educação. **Aracaju: Colóquio EAD de Comunicação**, p. 01, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual. **Autêntica Editora**, 2002.

